

**DA PLANTA PARA A LÍNGUA:
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
SOBRE A PUAIA EM BOM JESUS DO ITABAPOANA**

Mônica Teixeira Tupini (SEEDUC-RJ)

sratupini@hotmail.com

Evandro Francisco Marques Vargas (UENF)

evandropeixxe@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais sobre o termo *puaia* em Bom Jesus do Itabapoana. Encontramos a origem da palavra no século XVI. Originalmente o termo era *poaia*, referia-se a uma planta, tradicionalmente utilizado pelos grupos indígenas Puri que ocuparam a região da Zona da Mata, Noroeste Fluminense e Sul do Espírito Santo. Com o contato e aldeamento dos Puris os colonizadores tomaram conhecimento do uso que os indígenas faziam da planta, utilizada como vermífugo e expectorante. Dessa forma, passam então a incentivar a extração de suas raízes. Encontramos o termo no regionalismo linguístico de Bom Jesus do Itabapoana, com um sentido bem peculiar, “passar *puaia*”, ou “dar *puaia*” que pode ser traduzido como uma tentativa de ludibriar alguém de forma polida (elogio exagerado ou falso) com a intenção de obter algo favorável em troca. E “comer *puaia*” quando essa intenção é bem-sucedida. Encontramos esse uso semântico nas gerações posteriores à década de 1940, todavia, nas gerações recentes o termo vem perdendo sua utilização enquanto representação social. Nossa pesquisa busca através de entrevistas em diferentes segmentos: faixas etárias, socioeconômicas e de ambiente rural ou urbano, identificar o porquê das pessoas com idade na faixa etária entre 40 e 70, residentes em Bom Jesus do Itabapoana, apropriam-se do termo como uma representação social muito significativa para sua identidade cultural. O objetivo é fazer um resgate do patrimônio imaterial desse regionalismo linguístico, tendo como lócus para a pesquisa o município supracitado.

Palavras-chave: Representação social. Puaia. Regionalismo linguístico.

1. Introdução

Este trabalho objetiva analisar as representações sociais (MOSCOVICI, 2011) do termo *puaia* e seu uso peculiar no município de Bom Jesus do Itabapoana, no Noroeste Fluminense. Para tal realizamos dez entrevistas individuais com roteiro semiestruturado (LAKATOS; MARCONI, 1991), com intuito de investigar a origem da expressão idiomática nas quais buscamos encontrar elementos que possibilitem um elo entre a *poaia* (*Psychotria ipecacuanha* ou *Cephaelis ipecacuanha*) planta medicinal abundante nessa região desde tempos coloniais e a *puaia*, representação social nessa população.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A *Psychotria ipecacuanha* conhecida também como ipeca ou mais popularmente como *poaia* é uma planta medicinal originária do continente americano. A *poaia* nativa ocorre nos países da América Central, no norte da América do Sul, Colômbia, no sul da Amazônia brasileira, estados de Mato Grosso e Rondônia, e na Mata Atlântica, principalmente nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia (MARTINS et al., 2009). Segundo Dias (2005), a planta foi uma das maiores riquezas extraídas de nossas matas e, devido à sua grande variedade de propriedades terapêuticas, a mais célebre das drogas brasileiras difundidas no século XVII.

A acção da raiz da ipecacuanha, utilizada pelos índios tupis no Brasil, foi conhecida pelos jesuítas logo no século XVI. O Padre José de Anchieta descreveu-a na já referida carta de 1560 e o Padre Fernão Cardim tratou igualmente da ipecacuanha no capítulo sobre ervas medicinais do tratado sobre o *Clima e Terra do Brasil*. O tratado de Fernão Cardim foi publicado em inglês por Samuel Purchas em *Hakluytus posthumus* (1625), [...] dando assim a primeira notícia impressa sobre a ipecacuanha. As primeiras descrições detalhadas da ipecacuanha devem-se contudo a Georg Markgraf (1610-1644) na *Historia rerum naturalium Brasiliae* e a Willem Piso (1611-1644), na *Historia naturalis Brasiliae*, publicadas juntas em Leyden em 1648. Apesar de conhecida, a ipecacuanha foi pouco utilizada até que Jean Adrien Helvetius (1661-1727) a usou para curar o Delfim de França de disenteria em 1688. No século XVIII as suas virtudes foram confirmadas por Carlo Gianelli (1696-1759) em *De admirabili radice ipecacuanhae virtute* (Pádua, 1745), mas persistiram várias confusões e incertezas sobre a verdadeira natureza da raiz até que Bernardino António Gomes, depois de regressar do Brasil, a descreveu na *Memória sobre a ipecacuanha fusca do Brasil ou cipó das nossas boticas* (Lisboa, 1801), juntamente com a classificação feita por Brotero com base nas suas observações. O esclarecimento da natureza botânica da ipecacuanha veio permitir que Joseph Pelletier e o fisiologista François Magendie, em colaboração, isolassem o seu princípio activo, a emetina, em 1817. (DIAS, 2005, p. 55-56).

A região compreendida entre a Zona da Mata Mineira, do Noroeste Fluminense e do Sul Capixaba, como as conhecemos nos dias de hoje foi do século XVII até o início do ciclo do café, um dos grandes fornecedores de *poaia* para a Europa (MONTEIRO, 2005). A comercialização da planta para o Rio de Janeiro se realizava por meio de navegação entre os rios Carangola, Muriaé, e Paraíba do Sul. Para a coleta da planta os colonizadores se utilizavam da mão de obra dos indígenas, conhecedores das matas e de seus segredos:

[...] os aborígenes passavam a trabalhar na agricultura e como poaieiros na extração da *poaia* – raiz da “ipecauanha”. Os serviços prestados eram pagos, em geral, com alimentos cozidos, porções de sal ou gordura, roupas e aguardente. Inicialmente esses produtos eram utilizados pelos aborígenes por curio-

sidade com o tempo se converteram em fator de dependência do homem branco para obter novas remessas. (MONTEIRO, 2005, p. 72)

Como o extrativismo era a forma de economia usada na época da colonização as plantas e riquezas nela contidas eram retiradas até seu esgotamento, então procuravam outras terras para lhes abastecer. O ocorrido com o pau-brasil repetiu-se, na região Noroeste Fluminense, com a *poaia*. Com a extinção da *poaia in natura* sua utilização como medicamento torna-se escassa. No entanto, sua representação será mantida no léxico da população.

As expressões “comer *puaia*” “passar *puaia*”, têm sido por várias gerações uma forma de identidade linguística, uma espécie de documento oral identitário dos moradores do município de Bom Jesus do Itabapoana. Basta ouvirmos o termo em qualquer outro lugar para sabermos a procedência do falante. Para o bom-jesuense nativo ou “adotivo” torna-se fácil demonstrar sua sagacidade ao usar a frase emblemática: “Eu sou de Bom Jesus, eu conheço a *puaia*!” Afirmando assim que um bom-jesuense dificilmente é ludibriado. Contudo seu teor semântico ímpar alcançou outros solos, pois aonde quer que vá, o bom-jesuense leva sua “*puaia*” como patrimônio genuíno da oralidade de sua tradição cultural e por lá imprime sua marca.

2. As expressões idiomáticas em sua relação com as representações sociais

Faz-se necessário conceituar primeiramente o que são expressões idiomáticas antes de estudarmos aquelas que inspiraram este trabalho. A expressão idiomática é “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998). Ou seja, são termos ou frases cujo significado das palavras difere daquele que teriam se fossem analisadas isoladamente. Sua interpretação é global sem que necessariamente se compreenda cada uma das partes. As expressões idiomáticas são consagradas pela constância de seu uso e fazem parte do patrimônio linguístico de uma população, além de propagarem sua tradição cultural. As expressões idiomáticas “enriquecem, com seu colorido e expressividade, a comunicação das pessoas em seu dia a dia”. (MELLO, 2009, p. 24)

Ao usar as expressões idiomáticas, o falante ou escritor deseja inserir em seu texto algo que a linguagem convencional não consegue alcançar. Elas imprimem força e sutileza a uma frase enriquecendo-a, e

podem abrandar a impressão causada por uma declaração austera com humor ou ironia. As expressões são terreno fértil onde florescem as figuras de linguagem. Dentre elas uma em especial, a ironia, nos servirá como recurso para classificar as expressões em análise no presente estudo. A ironia é em sentido amplo, a figura semântica cujo propósito consiste em “afirmar-se o contrário do que se pensa, visando à sátira ou a ridicularização”. (PASCHOALIN; SPADOTO, 1996, p. 359)

De acordo com Pires (1981) há nuances a serem consideradas, por isso distingue três tipos de ironia:

- astéismo: quando louva;
- sarcasmo: quando zomba;
- antífrase: quando engrandece ideias funestas, erradas, fora de propósito e quando se faz uso carinhoso de termos ofensivos.

Quando “passamos ou damos *puaia*” ora expressamos o contrário do nosso pensamento, ora floreamos e até exageramos a verdade com o intuito de enganar, agradar ou receber algo em troca. Ou seja, os termos se encaixam no universo da ironia exemplificando o seu tipo mais sutil. A intenção do emissor no presente caso não se explicita na mensagem, sua interpretação depende do contexto no qual a fala está inserida, cabendo ao receptor decodificá-la, “comendo ou não a *puaia*”, ou seja, aceitando-a ou não como verdade.

Algumas expressões idiomáticas possuem sua origem conhecida, ou ao menos identificada; como é o caso, por exemplo, da expressão *ar-ranca-rabo*:

os primeiros guerreiros costumavam arrancar o rabo das montarias dos inimigos para humilhá-los. Vangloriavam-se disso, e os rabos dos animais eram exibidos como troféus de guerra. Hoje o sentido é de “discussão, briga, disputa, confusão”. (MELLO, 2009, p. 35).

Segundo Moscovici, o estudo das representações sociais empreende uma nova episteme:

Nos últimos 30 anos, toda uma série de enfoques foi desenvolvida no campo da psicologia social para tentar esclarecer o fenômeno das representações sociais. Trata-se claramente de um tipo de fenômenos cujos aspectos salientes conhecemos e cuja elaboração podemos perceber através de sua circulação através do discurso, que constitui seu vetor principal. (MOSCOVICI, 2011, p. 215)

Com efeito, o ato de representar “é trazer presente coisas ausentes e apresentar as coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo” (*Ibidem*, p. 216). As expressões idiomáticas “dar *puaia*”, “passar *puaia*” traduzidas como uma tentativa de ludibriar alguém de forma polida (elogio exagerado ou falso) ou “comer *puaia*” quando a ação é bem-sucedida são encontradas com esse valor semântico em Bom Jesus do Itabapoana. Sua origem exata talvez tenha se perdido no tempo, porém na oralidade encontramos algumas representações para explicar as interações com o termo.

Duas destas representações nos reportam aos indígenas puris. A primeira delas conta que antes dos aldeamentos, enquanto grupo nômade, não dominavam técnicas de agricultura. Em tempos de escassez quando não conseguiam encontrar alimentos na mata, comiam as raízes da *poaia* para adormecer o estômago e enganar a fome. E assim os indígenas literalmente “comiam *puaia*”. A segunda nos revela que os puris, já aculturados, coletavam a *poaia* (*ipecacuanha*) para os colonos mineiros e por não terem ideia de seu valor na época, trocavam por quinquilharias. A planta era repassada para a corte e posteriormente para a Europa por grande soma de dinheiro. Em resumo, os mineiros “passavam a *puaia*” nos índios.

Outra representação troca os protagonistas. Saem os Puris entram os bois. Na época da colonização quando por algum motivo faltava comida para o gado os colonos davam *poaia* ao rebanho que comia e se safa da fome. Temos aí novamente o exemplo da “*puaia*” como enganação.

A última das representações para a origem do termo vem de suas propriedades farmacológicas. A *poaia* entendida como panaceia, era prescrita para curar uma infinidade de males. Se o sujeito estivesse com dor de ouvido passava *poaia*. Dor de cabeça? *Poaia* também. Dor nas pernas? Passe *poaia*. Cada uma das histórias possui uma lógica e são críveis, portanto uma delas ou todas podem embasar a invenção do termo “*puaia*”. A palavra *poaia* saindo do universo da botânica para o das letras pode ter sofrido modificações próprias da oralidade e passou a ser grafada com “u” em vez de “o”.

Moscovici (2011) ao analisar o conceito de representações sociais constrói uma categorização de dois universos: o universo consensual onde “a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e li-

vres, cada um com possibilidade de falar em nome do grupo e sob seu auspício” (p. 50). E o universo reificado, no qual “a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina o grau de participação de acordo com o mérito” (p. 51). Nesse sentido é que podemos tomar o surgimento da *puaia* como expressão idiomática e representação social, pois esta se insere no universo consensual.

3. *Percurso da pesquisa*

A pesquisa de natureza qualitativa realizou uma amostragem não probabilística (LAKATOS & MARCONI, 1991), através de entrevista individual com roteiro semiestruturado a 10 entrevistados (N=10). Na qual se busca, em meio a diferentes segmentos, elencar em uma ficha informações como faixa etária, condição socioeconômica, e pertencimento ao ambiente rural ou urbano.

No processo de coleta de dados utilizamos gravador e ficha para armazenamento das informações. No total foram: 7 homens e 3 mulheres. Sendo 2 com menos de 30 anos; 5 entre 30 à 60; e 3 entre 60 à 85 anos. 9 destes do ambiente urbano e 1 situado em zona rural. As entrevistas foram realizadas nas residências, de acordo com horários agendados previamente. Antes de realizar a entrevista, foi lido e entregue o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual cada entrevistado assinou.

Após esse primeiro momento e com o objetivo de fazer um resgate do patrimônio imaterial desse regionalismo linguístico, iniciamos a gravação da entrevista para a qual elaboramos as seguintes perguntas abertas como roteiro: Você conhece as expressões comer *puaia*, passar *puaia*? Sabe o que significam? Você já viu essas expressões serem usadas com esse mesmo sentido em outros lugares? Quando se deu conta da existência dessa gíria, ou seja, quando a ouviu pela primeira vez? Com quem aprendeu: em casa com familiares, ou na convivência com amigos? Tem ideia da origem dessas expressões? E a planta chamada *poaia* você conhece? Alguém de seu conhecimento já mencionou o uso dessa planta para fins medicinais?

Durante o período de entrevistas, ficou explícita a satisfação dos participantes conhecedores do termo ao responderem às questões, cujo tema era a “*puaia*”, demonstrando o quanto apropriam e se orgulham do

termo. Para identificação dos sujeitos na discussão dos resultados utilizamos a ordem de entrevistas (E1; E2... E10), e a idade de cada depoente.

4. Discussão dos resultados

Com base nos depoimentos colhidos e analisados, 90 por cento dos entrevistados não sabiam da existência da planta, os que sabiam nunca a viram. Somente um dos entrevistados se lembra de tê-la usado como remédio fitoterápico, e outro que se lembra de ouvir a bisavó comentar sobre o uso do mesmo remédio caseiro. "Eu conheci a ipecacuanha. O meu avô tratava com homeopatia e a gente usava muito pra dar pras crianças. Eu mesma já tomei muito, depois eu dava pros meus filhos". (E8, 82 anos)

As informações coletas pela ficha permitiram-nos identificar que os entrevistados situados na faixa etária entre 40 e 70, residentes em Bom Jesus do Itabapoana, apropriam-se do termo como uma representação social muito significativa para sua identidade cultural. Segundo as entrevistas a expressão em estudo entra no vocabulário dos moradores de Bom Jesus do Itabapoana nos anos finais da década de 1950 e seu auge ocorreu nas duas décadas seguintes.

A seguir apresentamos alguns dos resultados presentes nas falas dos entrevistados, a partir da pergunta: Sabe o que significam as expressões comer *puaia* ou passar *puaia*?

...pra mim isso (comer puaia, passar ou dar puaia) é uma figura de linguagem bom-jesuense. Acho que ela foi criada pra massagear o ego das pessoas. Eu até defini puaia uma vez, você sabia disso? A pessoa me perguntou uma vez o que era puaia e eu anotei aqui e está até no meu celular: que é uma massagem provocativa de ilusão no ego das pessoas usada no convencimento ou não das mesmas. (E1, 49 anos).

Pois não, puaia eu acho que significa o que: a pessoa quando quer alguma coisa assim com a pessoa, aí vem agradando a gente... aí eu chamo isso de puaia. Pra querer alguma coisa em troca, pra saber de alguma coisa [...]. (E2, 45 anos)

Eu conheço sendo usado como uma forma de...é um elogio assim... exagerado, de certa forma. É... a pessoa pode passar essa puaia e o outro pode comer ou não, quer dizer, aceitar isso como um...um...como uma verdade, né? Mas na verdade normalmente ele é dito de forma exagerada, um pouco pra... pra enganar, ou pra talvez... (E5, 48 anos).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Puaia é quando você diz pra alguém alguma coisa que na verdade, na realidade não existe. Você está querendo fazer um agrado, é... enaltecer, dizer algo que na realidade não existe. (E6, 54 anos)

As definições para o termo são proferidas por indivíduos de ambos os gêneros, de condições socioeconômicas variadas e provenientes tanto da zona rural quanto da urbana. Entretanto, a faixa etária é o fator divergente. Os sujeitos com idade entre quarenta e setenta anos conhecem os termos, sabem seu significado e dão exemplos que os relacionem a um contexto. Porém à medida que se reduz a idade dos interlocutores, verifica-se o declínio do uso e do conhecimento das expressões, bem como de seu significado. Conforme (E10, 18 anos) que respondeu não conhecer os termos.

5. Conclusão

Revolvendo o baú de memórias da herança da tradição oral do bom-jesuense, trouxemos à tona seu maior tesouro: a “*puaia*”. Vascuhamos as pistas deixadas por índios e colonos, buscamos no aproveitamento da linguagem passada de geração a geração, uma forma de nos entender como agentes dinâmicos do processo social e cultural do município. Procuramos resgatar as expressões que compõem o patrimônio imaterial do regionalismo linguístico de Bom Jesus do Itabapoana e mantê-las vivas não só na fala de sua população, mas também registrá-las em sua história escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, José Pedro Sousa. *A farmácia e a história uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e da terapêutica*. 2005. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Farmacia-e-Historia.pdf>>. Acesso em: 22-08-2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTINS, E. R. et al. Estudo ecogeográfico da *poaia* [Psychotria ipecacuanha (Brot.) Stokes]. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*. Botucatu, vol. 11, n. 1, p. 24-32, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722009000100005>. Acesso em: 22-08-2015.

MELLO, N. C. *Conversando é que a gente se entende*: dicionário de expressões coloquiais brasileiras. São Paulo: Leya, 2009.

MONTEIRO, Eugenia del Carmen Quilodrán Briones. *Experiências instituintes no sistema público de ensino: o caso de Natividade*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2011.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. *Gramática*: teoria e exercícios. São Paulo: FTD, 1996.

PIRES, Orlando. *Manual de teoria e técnica literária*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, vol. 42, p. 161-176, 1998. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4274/3863>>. Acesso em: 22-08-2015.